

---

## **TRABALHO E AFETO NA OBRA *ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA*, DE RONIWALTER JATOBÁ**

### ***WORK AND LOVE IN THE NOVEL *ALGUÉM PARA AMAR A VIDA INTEIRA* OF RONIWALTER JATOBÁ***

**Ana Lúcia Barbosa Monteiro**

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (1998). Especialista em Língua Portuguesa pela PUC/ Minas Gerais e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR/UFPI. Atualmente é professora efetiva e Coordenadora Pedagógica do Colégio Técnico de Bom Jesus, PI / UFPI.  
E-mail: analuciamonteiro@ufpi.edu.br

**Angela Maria Rubel Fanini**

Doutora em Letras pela UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras do Campus Universitário Andrade-UNIANDRADE, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Bolsista em produtividade em pesquisa CNPq.  
E-mail: rubel@utfpr.edu.br

#### **RESUMO**

Este artigo analisa as relações de trabalho e as relações afetivas, como veículos de sociabilidade do indivíduo, na obra *Alguém para amar a vida inteira*, de Roniwalter Jatobá, cuja produção literária tem se debruçado sobre a vida do trabalhador brasileiro, demonstrando que o universo laboral, embora funesto e árduo, também propicia amor, fraternidade e sociabilidade entre os trabalhadores. Em Jatobá, a condição humana, devido à complexidade, não deve se situar inocuamente, do ponto de vista social e político, na literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas. A pesquisa segue a orientação metodológica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), presente em Mikhail Bakhtin e no Círculo.

**Palavras-chave:** Trabalho. Relações Afetivas. Roniwalter Jatobá. Discurso Literário.

### ABSTRACT

*The article analyzes labor relations and affective relationships, as vehicles of sociability of the individual, in Roniwalter Jatobá's "Someone to Love a Whole Life", whose literary production has focused on the life of the Brazilian worker, demonstrating that the universe labor, albeit disastrous and arduous, also fosters love, brotherhood and sociability among workers. In Jatobá, the human condition, due to complexity, should not be innocuously situated, from the social and political point of view, in literature. Life and Art are in constant dialogical relations. The survey follows the methodological orientation of the dialogical analysis of discourse (ADD), present in Mikhail Bakhtin and the Circle.*

**Keywords:** Work. Affective Relationships. Roniwalter Jatobá. Literary Discourse.

### INTRODUÇÃO

O propósito, neste artigo, consiste em analisar como o discurso literário, de autoria jatobiana, formaliza as relações materiais e imateriais do trabalho e as relações afetivas, partilhadas na célula familiar, nos núcleos laborais e ambientes extratrabalho, como veículos de sociabilidade do indivíduo, articulando a vida e a arte na arquitetônica da obra *Alguém para amar a vida inteira*, do escritor mineiro Roniwalter Jatobá, doravante Jatobá. Na obra em questão, andam a *pari passu*, tanto a atividade laboral quanto a reflexão discursiva sobre o trabalho e a educação sentimental do ser, evidenciando que as personagens não somente trabalham, como também empreendem reflexão sobre a vida.

Parte-se do pressuposto de que o discurso literário não é alheio à produção material da existência, logo “o ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo”, afirma Bakhtin (2000, p. 205). Na produção literária do escritor Jatobá, a vida do trabalhador brasileiro, migrante nordestino, é densamente representada. O autor apropria-se do discurso literário e o constitui como espaço de diálogo e meio viável para projetar o próprio imaginário social. As assimetrias sociais, a vida de labuta e a busca pela sobrevivência do trabalhador, na obra jatobiana, são temas recorrentes.

Em Jatobá, o trabalho é categoria central, operando como dispositivo de sociabilização das personagens. Ademais, é representado como atividade laboral, muitas vezes, alienante e capaz de infelicitar o homem, mas também ocorre a outra face do trabalho, ou seja, é visto enquanto objeto de desejo e veículo de interação e sociabilidade entre os sujeitos. Bakhtin (2000, p.362), no texto *O estudo literário hoje*, defende que “[...] a literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época”. É esse vínculo orgânico, concebido por Bakhtin, entre a arte e vida que se encontra na literatura jatobiana.

Contista, romancista e cronista, Jatobá destaca a saga dos migrantes dos estados do Nordeste para ocuparem espaços da cidade de São Paulo, no século XX, final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, consolidando a literatura proletária brasileira. Jatobá conta histórias de trabalhadores que têm as vidas fustigadas pelas judiações dos sertões que, em grande medida, adestra-os social e economicamente, logo no nascedouro, condicionando seu lugar na zona marginalizada da sociedade. Espaço este de muitos padecimentos e restrições sociais. O Nordeste para esses seres humanos é território de insuficiência e impedimentos sociais e econômicos. Jatobá

traz à ribalta as narrativas desses trabalhadores que, instados pelos sonhos de prosperarem na vida, deixam o Nordeste e vão em busca da inserção no mercado de trabalho, no setor fabril, no grande centro industrial da cidade de São Paulo.

Entretanto, ao aportarem no universo industrial de São Paulo, esses sujeitos, aos poucos, têm suas crenças em uma vida melhor, quase sempre, frustradas, em virtude da exploração capitalista que pesa sobre eles. É oportuno enfatizar que Jatobá não reproduz um decalque ou reflexo do mundo real. Ao contrário, observa o real, classifica-o, analisa-o e constrói, literariamente, uma nova realidade a qual pode ser traduzida como uma tentativa de respostas às suas perturbações com o mundo e a vida. No trecho a seguir, o romancista aclara e justifica a gênese e a essência temática que pauta sua literatura, apontando os aspectos éticos e estéticos que dimensionam sua ficção e os interstícios discursivos abarcados por ele enquanto escritor:

Escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor (JATOBÁ, 2012.p.3).

Desse modo, a opção de Roniwalter por um projeto literário com fundamentos que problematizassem a luta do proletariado em ambientes e contextos inóspitos, temporalizado no século XX, primordialmente, nos anos em que o Brasil viveu sob a severa ditadura militar, decorre, entre outros fatores, da vivência pessoal do autor nas zonas marginalizadas dos grandes centros urbanos, sua situação coadjuvante nas migrações frequentes da família pelos rincões nordestinos, bem como experiências marcantes também na condição de operário no setor fabril, na cidade de São Paulo. Nessas circunstâncias, a biografia de Jatobá, operário, migrante, humilde e escritor também explica sua escolha pela recriação artística do mundo do trabalhador marginalizado. Conhece o universo que recria de um modo orgânico e a ele responde.

Dessa forma, o autor discorre sobre o trabalhador como grupo social marcado, na maior partes dos casos, pelas restrições sociais e econômicas impostas pelo sistema capitalista. Jatobá introduz, para o interior da literatura, discursos do universo proletário, demonstrando que, embora humildes materialmente, sem educação formal e acossados pelos antagonismos da vida, são indivíduos que não renunciam à vida e ao mundo, são trabalhadores humanamente complexos sensíveis à reflexão. Um exemplo que identifica, com clareza, o modo como Jatobá constrói discursivamente os personagens que enredam suas narrativas, pode ser conferido nas falas do próprio escritor:

Os personagens dos meus livros são pessoas que vagam num mundo próprio e recriado artisticamente. Ou seja, eles são criados para gerar um comentário emocionado sobre as condições do ser humano na face da Terra. São personagens que, como eu, estão preocupados, num mundo difícil de viver e conviver, em realizar-se plenamente como seres humanos [...] (JATOBÁ, 2018, p.63).

Compreende-se, assim, que o homem e a condição deste no mundo são refratados ética e esteticamente na literatura jatobiana, assegurando ao leitor uma visão profunda do nordestino/operariado. Seus personagens são seres que conduzem os leitores a uma análise mais apurada do país da subcidadania. Jatobá entende que a literatura é um meio viável para se conhecer,

interpretar e explicar a multiplicidade de “brasis” existentes no grande Brasil. Para ele, é obrigação do escritor fazer essa análise: “Por que amaciar ou maquiagem a realidade do país? Isso seria uma desonestidade intelectual”, salienta Jatobá (2018, p. 62).

Esse esboço reflexivo do autor responde diretamente a uma questão de sentido mais amplo: como fazer literatura em um país marcado pela pobreza, desacertos e agressões sociais, trazendo o horizonte complexo em que estão mergulhadas as personagens de suas obras, enquanto componente vivo deste contexto? O modo como Jatobá problematiza a temática, por ele eleita como central em sua produção literária, é bastante convincente de sua apropriação desse capital intelectual, igualmente da missão da escrita literária que, entre vários sentidos e interfaces que o discurso literário produz e relaciona, nenhum deles diga tanto e seja tão crucial como a missão de conferir ao sujeito conhecimento amplo sobre a realidade circundante externa e internamente ao próprio ser. Portanto, o discurso literário é meio pelo qual Jatobá apossa-se para dizer algo sobre a para a sociedade. O escritor responde à vida cotidiana do trabalhador com sua obra em que o retrata enquanto ser de vontade, de discurso, de contradição. É nesse sentido que sua prosa é uma das poucas que tem sistematicamente se debruçado sobre a vida proletária.

Vale a pena lembrar que, dois pontos importantes fazem mediações substanciais na obra desse autor: o compromisso com a realidade circundante e a fina capacidade de invenção literária. O crítico e historiador da Literatura Brasileira, Alfredo Bosi, no texto *Narrativa e Resistência*, pondera: “o narrador trabalha a sua matéria de modo peculiar; o que lhe é garantido pelo exercício da fantasia, da memória, das potências expressivas e estilizadores” (BOSI, 1996, p. 16). O ético e o estético/o real e o imaginário articulam-se responsivamente, produzindo sentidos na literatura jatobiana. Há um compromisso do autor em contar a história dos menos favorecidos no sentido de fomentar uma escrita compromissada socialmente, aliando o ético ao estético.

Em entrevista concedida a Giovanni Ricciardi, quando solicitado para realizar um autorretrato, Jatobá definiu-se como:

Sou um escritor solto em São Paulo, tentando refletir essa realidade que conheço, que é a do imigrante nordestino...às vezes me sinto magoado por não tentar compreender melhor o mundo que vivemos, um mundo de políticos incompetentes, num país de militares golpistas, num país de ricos que não tem coragem de dividir nem um pouco sua riqueza...num país onde 60% da população vive na miséria.... É grande a luta do escritor. Eu quero participar dela de forma que torne o mundo melhor: que as pessoas tenham moradias dignas, comida, escola, sem tanta violência. Só podemos fazer isso através da luta e a luta do escritor é escrever tentando refletir a sociedade [...] é através da literatura que a gente pode refletir com mais seriedade, mais honestidade esse mundo triste da sociedade brasileira (JATOBÁ, 2008, p. 444).

Essa passagem da entrevista define com precisão o lugar do qual o escritor se posiciona para manifestar, com argúcia crítica, sua posição política de inconformismo, aversão e repulsa contra um Estado omissivo e opressor, igualmente seu modo de se insurgir contra um sistema social classista, que apequena cotidianamente a dignidade do trabalhador brasileiro. Jatobá mostra-se afetado com a violência física e simbólica contra aqueles que, devido à posição na obscura zona dos processos históricos e sociais brasileiros e a força coercitiva dos mecanismos de poder pela classe dominante, não conseguem romper as travas das barreiras social e economicamente impostas. Assim, percebe-se que o discurso jatobiano aclara e demarca literalmente seu território

político e social, suas referências, fronteiras e inquietações. Nas palavras do próprio autor a obra *Alguém para amar a vida inteira, corpus* deste estudo, nasceu:

Da periferia paulistana, [...] sempre tive o desejo de contar a história de dois personagens – Jacinto e Emília Emiliano – no cenário industrial de São Paulo, às voltas com uma vida difícil, mas descobrindo que, mesmo no mundo amargo, pode surgir um sentimento puro e bonito como o amor (JATOBÁ, 2015, p. 118).

Essa narrativa é mais uma obra que representa e identifica o grande projeto literário de Jatobá que destaca a voz da classe trabalhadora, no Brasil, do século XX. Contudo, nessa obra, Jatobá nos convida a conhecer, em um cenário difícil, ameaçador e cheio de contradições, a força de um amor entre as personagens protagonistas Jacinto e Emília Emiliano. Esse é o diferencial de Jatobá, mostrando que mesmo a vida sendo árdua, tantas vezes amarga, um campo de disputas, o bem é possível. O amor entre Jacinto e Emília Emiliano é o eixo temático em que se concentra importante tom enunciativo do enredo, constituindo-se contexto de leitura para se pensar e analisar as tanto as relações de trabalho quanto os vínculos afetivos como veículos de sociabilidade do sujeito.

## DISCURSOS SOBRE O MUNDO DA ARTE E O MUNDO DO TRABALHO

Movidos pela perspectiva dialógica da linguagem de viés bakhtiniano e do Círculo, é que se tomam os discursos do mundo da arte/literária como possibilidade e via expressa para se refletir sobre o universo do trabalho. Esta linha de investigação parte do pressuposto de que a categoria trabalho tem sido tematizada em número considerável de pesquisas acadêmicas, em diferentes áreas do conhecimento (História, Sociologia, Direito), mas que, no campo da literatura, ainda são tímidas as pesquisas que mergulham e adentram esse universo. Entende-se que o trabalho, pelo caráter histórico, social, cultural e econômico, tem possibilidades de apresentar um mosaico discursivo e multifacetado da gênese, formação e organização socioideológicas da condição humana. As personagens, em contexto laboral, refletem sobre essa situação e, também, contribuem para importante problematização sobre o *homo faber*. Nas Letras, essa reflexão ainda é mínima, o que justifica, em partes, o interesse em desenvolver estudo enfocando essa temática. Encontramos o trabalho como situação literária em quase todos os romances do século XIX e XX no Brasil, no entanto, essa temática ainda é pouco explorada pela crítica.

A perspectiva de compreender a literatura enquanto lugar discursivo e constitutivo de sentido para se retratar e refratar o mundo, a linguagem e a própria condição humana, foi aludida sobejamente por Bakhtin e o Círculo, em muitos de seus trabalhos. O diálogo entre o mundo da arte e o real é tema de muitas entradas ao pensamento bakhtiniano. Brait (2006b), ao discutir sobre as contribuições do pensamento desse grande filósofo e do Círculo para compreensão do homem e as questões com ele entrelaçadas assim afirma:

Pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, [...] por exemplo, são algumas das possibilidades oferecidas pelas reflexões bakhtinianas [...]” (BRAIT, 2006b, p. 48).

Assim, recorrer aos estudos bakhtinianos como espaço teórico/metodológico de significação e sentidos, como chave de leitura, para entender o discurso literário, consiste em, dentre várias escolhas, compreender que o mundo da arte e o real estão em constantes diálogos. Bakhtin (2000) considera que a compreensão do discurso literário, face à rede de discursos colocada em situações interlocutivas, no processo de criação artística, deve ser conduzida com olhar aberto para história sociocultural que envolve a arquitetura de seu ato composicional, conforme evidenciado nas seguintes passagens:

[...] a forma não é significante apenas do mundo das formas. O contexto de valores em que se realiza e é pensada a obra literária não se reduz apenas ao contexto literário. A obra de literatura deve procurar às apalpadelas a realidade em seus valores, a realidade do acontecer do herói (BAKHTIN, 2000, p. 214).

[...] não se pode separar a Literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a Literatura (BAKHTIN, 2000, p. 362).

Nota-se que, em seus postulados, Bakhtin admite a existência de amplo e denso diálogo entre o contexto histórico, social e cultural (os elementos externos) e os elementos internos da obra de arte, reforçando concepção culturalista e civilizatória do evento literário, o que envolve as relações dialógicas entre a literatura e outros campos do conhecimento.

No conjunto conceitual do pensamento do filósofo alemão Friedrich Engels, o trabalho “[...] é a condição básica e fundamental de toda a vida humana” (ENGELS, 1876, p. 4). De modo que, sendo o trabalho fundamento do complexo processo civilizatório do homem, parte-se da ideia de que o mundo do trabalho se constitui cenário representativo da formação, organização e socialização do homem. A obra de Jatobá evidencia a saga das personagens em situação laboral. Nesse sentido, aposta-se no discurso literário como território fértil para se pensar a lógica do mundo capitalista e as relações de trabalho por ele regidas. Neste artigo, priorizamos a obra de Jatobá, cuja narrativa compreende os anos de 1960, visto que o romance *Alguém para amar a vida inteira*, põe em evidência o impacto causado pelo mundo objetivo (realidade urbana) na subjetividade e nas afetividades das personagens que enredam essa trama discursiva.

A professora Suzana Albornoz, no livro *O que é trabalho*, com linguagem simples, mas com conotações filosóficas densas, apresenta síntese conceitual do caráter polissêmico em que a categoria trabalho, material ou imaterial, assume, conforme objetivos e contexto de uso dos sujeitos, em grande temporalidade, por exemplo:

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura (ALBORNOZ, 1992, p. 8).

Assim entendido, compreende-se que o trabalho, como mencionado, está inerentemente atrelado a todas as atividades do mundo dos homens, constituindo-se como um dos elementos centrais que media as relações sociais em diferentes contextos da existência humana. Nesta perspectiva, a autora conduz ao entendimento de que os sentidos do trabalho repousam ideológico

e axiologicamente no plano cultural, social e histórico em que o ser humano se encontra inserido. Jatobá retrata essas relações de forma discursiva, mobilizando personagens trabalhadoras que refletem sobre os próprios labores e ultrapassam a condição alienante e degradante, à medida em que se apoiam uns aos outros. O universo do trabalho, embora inóspito, possibilita o encontro, muitas vezes fraterno, dos trabalhadores, seu sustento material.

Lukács (2013), filósofo de tradição marxista, advoga que a categoria trabalho se define como atividade central que caracteriza e identifica, em primeira instância, o ser em suas especificidades humanas. A centralidade do trabalho, na constituição da gênese social do homem, em termos ontológicos, constitui-se como linha mestra dos estudos lukacsianos. Na obra *Para uma ontologia do ser social*, publicada em 2013, no capítulo *O trabalho*, o filósofo húngaro aborda, em perspectiva materialista histórica, os sentidos do trabalho, destacando-o como categoria ontológica do ser social.

Nesse sentido, a categoria trabalho é atividade tipicamente humana. Entretanto, a linguagem também o é. Afirmar, pois, que o trabalho é uma ação inerentemente humana, é reconhecê-lo como fenômeno complexo, ponderado pela intencionalidade. Mas, somente se pode assegurar isso a partir de uma linguagem, dado que o acesso do sujeito ao mundo e aos objetos é mediado pela linguagem. Postular essa enunciação é ter ciência de que linguagem e trabalho se tornam elementos, não apenas necessários, mas vitais e orgânicos à organização das sociedades e do homem nelas inserido. As personagens de Jatobá emitem suas falas sobre suas atividades laborais, articulando o universo simbólico ao material. Vida e pensamento estão entrelaçados e a reflexão existencial surge dessa interação.

## ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A pesquisa empreendida segue a orientação metodológica da Análise Dialógica do Discurso, ADD de linha russa, presente nos pressupostos teórico-filosóficos de Bakhtin e o Círculo. Na base conceitual e epistemológica da ADD, em fenômeno comunicativo, locutores, interlocutores e objeto de estudo se envolvem em relações dialógicas uns com os outros. “A relação dialógica tem de específico o fato de não depender de um sistema relacional de ordem lógica (ainda que dialética) ou linguística (sintático-composicional). Ela só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 345-346).

Para a ADD interessa essas relações, já que na esfera da comunicação verbal, a materialidade linguística apenas tem sentido quando relacionada com o contexto extralinguístico do ato discursivo, ou seja, a comunicação verbal entre sujeitos é operacionalizada via recursos expressivos que vão além de um conjunto lógico e concreto-semântico de ordem gramatical. Na atividade interlocutiva pesa, além da situação imediata, o contexto social amplo de pertencimento do discurso. A obra de Jatobá mobiliza personagens cujos discursos estão dados em situações concretas de trabalho, luta pela sobrevivência material e encontros afetivos.

A crítica da teoria bakhtiniana recai sobre limites formais impostos pelos métodos linguísticos para construção e análise do enunciado concreto, cujo sentido global não pode ser construído e nem explicado somente pelos constituintes verbais, pois além do verbal expresso, há também o extraverbal, não expresso, que figura de modo interacional e imprescindível para construção do sentido na esfera global da comunicação, tendo em vista que “a realização efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco

o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”, afirma Volochínov (2017, p. 218-219).

A obra jatobiniana tem como referência o contexto histórico de certa classe social em situação de migração, de labor e de família. O autor traz para dentro da narrativa vozes concretas do mundo do trabalho e da família. A área da Sociologia, da História Social do Trabalho, da Filosofia da Técnica tratam substancialmente da dimensão laboral há décadas. Karl Marx, com certeza, foi um dos mais célebres estudiosos da vida explorada do trabalhador dentro do sistema do capitalismo ocidental. Sua obra tem sido recorrente nos estudos dessa dimensão, pois representam referência sobre a vida econômica do trabalhador. A tradição marxista destaca a atividade laboral tanto quanto degradada quanto como possível caminho de socialização e emancipação do ser humano.

Na Literatura Brasileira vemos muitas personagens trabalhadoras (em praticamente todos os romances, encontramos a labuta tanto de mulheres e homens para sobreviver), mas a crítica não tem sido abundante em relação a essa temática. Jatobá nos traz esse universo laboral e de modo peculiar, visto que ele próprio vivenciou esse universo, recriando as vozes que ali escutou por tantos anos dentro das fábricas, das pensões, dos alojamentos, nos ônibus, nos trens e nas festas de periferia. Há em Jatobá liame forte com a vida e o mundo do trabalhador/operário brasileiro.

A linguagem ganha contornos diferenciados nos escritos bakhtinianos e do Círculo, sendo entendida sempre em perspectiva dialógica, confrontando, contudo, com a visão formalista da linguística tradicional que dá primazia aos aspectos formais da língua. Cumpre assinalar que “a língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da linguística e ser apreendida apenas pelos métodos linguísticos”, explica Bakhtin (2000, p. 346). Os fonemas, as palavras, as frases, os textos, para Bakhtin, somente têm sentidos quando tomados em contextos discursivos efetivos, reais e concretos na corrente da comunicação.

Em outras palavras, para Bakhtin, o enunciado forma-se na articulação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos. A partir disso, não há como entender e explicar globalmente a comunicação verbal, interlocução entre sujeitos sociais, isolada desses nexos. Nesse sentido, a literatura é fonte importante de estudo sobre as vozes sociais de um certo contexto, pois na literatura as personagens representam, em sua grande maioria, o homem que emite certo discurso sobre a condição humana. A matéria prima da literatura é a palavra e a palavra de alguém sobre sua condição de vida. Por esse motivo Bakhtin tomou o texto literário para tratar de linguagem e das vozes sociais visto que o discurso literário traz e mobiliza os falares concretos de uma dada comunidade.

A obra jatobiana traz vozes sociais, recriando-as e sua visão de mundo encerra uma perspectiva crítica sobre a realidade do trabalhador e sua vida cotidiana. Texto e contexto se interpenetram, dando sentido às palavras. Isso ocorre porque a linguagem “é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.141).

Convém enfatizar que a tese de Bakhtin e Volochínov se alinha na concepção de linguagem como fenômeno dialógico, funcionando, portanto, em contínua interação com as dinâmicas sociais, históricas, culturais, estéticas. Ambos os filósofos convergem na defesa de que a linguagem jamais terá sentido isolada dessas relações. Jatobá retrata seres migrantes e lhes dota de vozes próprias que se aclaram no interior das relações sociais que travam entre si, destacando que os

homens e as mulheres simples vão adquirindo uma linguagem reflexiva, em meio à dureza do meio. As personagens não apenas trabalham, como também empreendem uma reflexão discursiva sobre o trabalho. As falas dos trabalhadores estão vinculadas ao seu contexto e a ele respondem. Elaboram uma profunda reflexão sobre sua condição de classe, entendendo seu lugar no cenário social e cultural tanto da grande cidade quanto do local de onde vieram. Suas falas são produtos do embate com o meio.

A linguagem, tanto na concepção de Bakhtin como de Volochínov, não é um lugar neutro, em que o falante fácil e libertamente construa o próprio discurso. A linguagem é um campo de tensões discursivas, referenciada pelas relações sociais, éticas e históricas dos sujeitos: locutor e interlocutor. “[...] ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo” (BAKHTIN, 1993, p. 100).

A exemplo dos protagonistas da obra jatobiniana em foco, percebe-se claramente essa constituição dual, pois Jacinto se constitui em ser humano mais complexo e motivado para enfrentar as agruras do meio social, à medida que entra em dialogia discursiva e de vida com Emília Emiliano. O próprio universo laboral, inóspito, degradante e estafante, se beneficia do universo amoroso, sendo suportável em contato com este, à medida que a obra em tela destaca o ambiente laboral e o amoroso em dialogia constante.

A análise sobre a obra em tela é uma perspectiva possível sobre a obra. A seleção da perspectiva do amor e do trabalho advém da obra, pois as personagens se situam existencialmente tanto no trabalho quanto nas relações afetivas. Entretanto, também partem do interesse das pesquisadoras sobre o estudo da sociabilidade do ser humano via amor e trabalho. Confluem na análise tanto o interesse das pesquisadoras quanto o de Jatobá que explicitamente, como trouxemos anteriormente, trata do operário fabril. Há, com certeza, outros temas a serem abordados, pois outros estudiosos investigarão outros assuntos sob diversas perspectivas na mesma obra. Para a ADD, esse encontro da obra com o pesquisador é salutar uma vez que não se reivindica a neutralidade do pesquisador.

Portanto, é pelo viés da ADD, de substrato bakhtiniano e do Círculo, que analisamos as relações de trabalho e as relações afetivas, na arquitetura da obra *Alguém para amar a vida inteira*, do escritor Roniwalter Jatobá, entendendo-as como veículos de sociabilidade do sujeito trabalhador, bem como percebendo-as, na totalidade formal, como elementos que imprimem sentidos e especificam a obra desse escritor. Para tanto, usam-se, neste artigo, algumas formulações conceituais postuladas por Bakhtin e o Círculo (em especial, Volochínov), para análise teórico/metodológica dos aspectos composicionais, funcionais e materiais que compõem a arquitetura da obra *corpus* desta pesquisa. A dialogia que se estabelece entre o amor e o trabalho, possibilitando que este seja menos degradante e inóspito, compõe certamente a forma arquitetônica de Jatobá cuja visão de mundo credita ao amor a sobrevivência do trabalhador em situação que o degrada. O operário suporta o trabalho, amparado no outro que lhe é solidário.

As formas composicionais, ou seja, os diálogos tensos entre os operários e seus superiores, o léxico utilizado para a crítica ao trabalho degradante, as descrições do meio insalubre, miserável, autoritário da fábrica, as situações laborais humilhantes e perigosas, a labuta estafante, a venda das férias, o trabalho intensificado vão construindo uma arquitetura de crítica ao trabalho. No entanto, dentro desse universo, o trabalhador também vivencia a amizade, os folguedos, as

narrativas comuns, a solidariedade e experiência o encontro amoroso. Desse universo amistoso, Jatobá plasma no plano estético uma visão arquitetônica positiva da vida.

### NARRATIVAS DO MUNDO DO TRABALHO: DISCURSOS DA FICÇÃO

Situada no final dos anos de 1960 e começo dos de 1970, a obra encontra-se contextualizada com o período em que houve endurecimento da ditadura militar, sendo crescentes os atos de violência contra os cidadãos brasileiros. Momento da história do país em que se viveu sob as ações de truculência de um Estado repressor. A sujeição, a arbitrariedade, a intolerância, a perseguição e o cerceamento das liberdades eram muito mais fortes contra aqueles desabastados que se aventuravam para os grandes centros urbanos em busca de emprego no setor fabril. As personagens retratam essa faceta histórico-econômica.

Os personagens Jacinto, empregado em uma fábrica; o pai (operário igual a ele); e o patrão são as traduções mais terríveis daquela pátria ditatorial, pois ali se exige que a dignidade do trabalhador seja plenamente barganhada. O autor, ao retratar os conflitos, os desejos, as angústias, os remorsos, as culpas e os medos provindos das atividades laborativas, muitas vezes, no ambiente amargo das fábricas, mergulha sutilmente no mundo subjetivo das personagens, apresentando as condutas morais e éticas de cada um. Em meio a esse ambiente controverso, o autor também se empenha em mostrar que o espaço da fábrica, inclusive, é, sem dúvidas, lugar que germina e floresce sentimentos de amizade e amor, ambiente orgânico e vivo, em que a sociabilidade do sujeito é inevitável.

*Alguém para amar a vida inteira* apresenta estrutura ágil, composta por três partes, sistematizadas em 116 páginas, capítulos concisos, alguns curtíssimos, com intensa carga semântica, encimados por títulos curtos, alguns estruturados sob um jogo de imagens bastante desafiador; outros com linguagem clara e denotativa. Todos muito coerentes com a temática ali abordada.

Os discursos são construídos com variação de pontos de vista, em que, constantemente, o leitor é surpreendido pela incursão do narrador, que ora está em terceira pessoa, ora em primeira. Para dar vida à diversidade dos tipos discursivos formalizados na tessitura da obra, o autor recorre aos mecanismos de registro, a saber: discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre e em forma de relato. O narrador é ora mais distanciado ora mais próximo ao trabalhador representado. O trabalhador tem voz e reflexão.

A partir de linguagem esteticamente bem elaborada, mediada pela posição axiológica diante do mundo, Jatobá coloca os leitores em diálogo com a ideologia do cotidiano de personagens simples, mas humanamente complexos. São vidas sofridas, plenas de sonhos desfeitos e refeitos. O autor constrói o perfil das personagens com veracidade, dando a elas dimensão humana complexa. O texto expõe, por vezes, de forma dura e violenta, a degradante vida dos trabalhadores nos ambientes de laboridade das fábricas. A passagem, a seguir, é uma demonstração explícita da violência que acomete esses trabalhadores:

Um dia na tarde vi, por essa luz que me alumia, um homem soltar um balde de cimento, escorregar no andaime mais alto, cair em piruetas, abrir os braços no ar e se chocar no chão com baque surdo entre matos. Quis correr para lá, mas fiquei receoso. Houve ajuntamento de outros operários que estancaram o serviço, mas não puderam fazer mais nada. Um feitor Nelito, gritou que podia deixar, ele cuidava de tudo, que fossem trabalhar não queria paradeiro ali, arrastou o corpo pelos braços sujando o mato de sangue e entrou com esforço na construção puxando o defunto (JATOBÁ, 2015, p. 36).

Um estrato que representa a sina de muitos outros trabalhadores neste cenário. Em medida considerável, os elementos que envolvem a presença da morte no labor da fábrica alcançam literariamente contornos expressivos no enredo da obra jatobiana. A morte, neste sentido, perde sua natureza metafísica, torna-se algo naturalizado, concreto, acontecimento comum na vida daqueles trabalhadores, confirmando que, no universo literário de Jatobá, as agressões não se limitam somente às necessidades que são inerentes à essência da humanidade: a sobrevivência, pois tanto a violência física como a simbólica são conjugadas diariamente na lida do operariado. A voz sobre a morte é do trabalhador que a vê e vivencia cotidianamente, perdendo um tanto de sua tragicidade. Há quase uma naturalização da morte em ambiente inóspito.

Dois núcleos familiares concentram parte importante do enredo, ocupando espaço discursivo considerável: o dos protagonistas, Jacinto e Emília Emiliano. Neste, Emília Emiliano tem suas falas, em boa parte da narrativa, associadas a sonhos vingativos contra o coronel Gercílio (seu pai e esturador), em resposta a uma vida toda entremeada de coerção, violência e injustiças. Naquele se sobressaem as tensões discursivas entre Jacinto e seu pai e a figura resignada da mãe. Jacinto e Emília protagonizam uma história de amor que sobrevive a vários acontecimentos, como: situação socioeconômica fraca, pobreza, ressentimentos, censuras, impedimentos, falta de perspectiva de trabalho honesto nos lugares em que viveram parte de suas vidas. Depois, o processo migratório para São Paulo, em busca de emprego e bem-estar social.

No caso de Emília, a personagem ainda vive o difícil retorno a Bananeiras, terra do coronel Gercílio, lugar com estilo de vida quase que à margem das ideologias modernas do sistema capitalista. Em princípio, Jatobá apresenta Bananeiras para o leitor como território em que as veias do capitalismo ainda não estão em trânsito contínuo, pois há ali certa atmosfera pacata e inocente. Contudo, lá também ocorrem as pressões, as submissões e os tolhimentos típicos do estatuto da terra, em que apenas os poderosos latifundiários mandam. As personagens sofrem e padecem socialmente tanto no local de origem quanto na cidade grande, intensificando a questão de classe:

- Vem de São Paulo?
  - Como sabe? Conhece Emília Emiliano?
  - Quem não conhece? Jacinto sentiu a carta de Emília Emiliano no bolso da calça, relida muitas vezes na cansativa viagem.
  - Sim. Me chamo Jacinto. Ou Jarrê, assim até gosto mais.
  - Vim encaminhar o senhor.
- Ela me disse em carta recente: espero por você, Jarrê. Estou só. Não muito só, um filho seu me brota no corpo... (JATOBÁ, 2015, p. 11).

[...] Quando um cometa chispava o negrume, vinha um desejo: que coronel Gercílio morra como um porco. Na caminhada, Emília respirou forte e parou. Soltou a mão de Jacinto olhando firme nos olhos dele.

- Está me ouvindo Jacinto? (JATOBÁ, 2015, p. 52).

O encontro entre velho Galdino, homem de boa conduta, mas de esperanças e dignidade ruídas pelas circunstâncias e aviltamentos da vida, e Jacinto, o Jarrê, como assim era chamado pelos colegas da fábrica, é selado com diálogo rememorativo que vai responsivamente, ao passo que a conversa avança, transmutando-se. “A estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva

não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um dos seus novos contextos dialogizados” (BAKHTIN, 2000, p. 146).

O encontro de velho Galdino e Jarrê representa, também, na narrativa, o encontro de dois mundos, hemisférios humanos, fustigados pela aspereza da vida. Jacinto, em esforço mental, seleciona e evoca alguns episódios que possam justificar, frente a velho Galdino, seu desembarque naquela cidade, antes conhecida somente pelas longas narrativas de Emília Emiliano. À medida que o diálogo entre ambos os interlocutores vai progredindo, emergem pistas objetivas e afetivas em direção ao reencontro dos protagonistas.

Jacinto, agora em uma fase de amadurecimento psicológico e educação sentimental, com o discurso entremeado por um passado que recupera lembranças, arrependimento e saudades, vive ali um presente repleto de expectativas, com vistas a um futuro muito próximo: a possibilidade de reatar e reviver o grande amor, fortalecendo-se para o inóspito mundo laboral da fábrica. Na passagem a seguir, Jacinto, em um curto diálogo com velho Galdino, reflete sobre sua vida passada e reafirma o retorno para fábrica.

– Não vim para ficar. A vida tem sido difícil, mas isso tudo é resto, coisa passageira. Vim buscar Emília Emiliano e meu filho. - Sei. Vai voltar a ser operário nas prensas.  
– Sim (JATOBÁ, 2015, p.12).

Resumidamente, o enredo de *Alguém para amar a vida inteira* centraliza-se na história de duas vidas: os jovens Jacinto e Emília Emiliano, primacialmente, no difícil cenário industrial de São Paulo. Jacinto convivendo diariamente ao lado de um pai autoritário e opressor, e de uma mãe resignada e submissa. Emília Emiliano embevecida pelo ardente desejo de vingar-se de Coronel Gercílio (este a violentara). Contudo, a mesma fábrica que macera e embrutece sentimentalmente o trabalhador, constitui-se em cenário para o nascimento de um amor honesto e bonito entre Jacinto e Emília Emiliano. Ambos, a partir da socialização advinda do encontro amoroso, poderão plenamente enfrentar as agruras do trabalho e da vida.

### CONCLUSÃO

Na perspectiva sócio-histórica, as percepções, na produção deste artigo, pendularmente, movimentaram-se em pontos estratégicos sobre os quais se pôde observar – no sentido mais expressivo da palavra – como o discurso literário, gênero de múltiplas linguagens, de autoria jatobiano, retrata e refrata vozes nordestinas migrantes que verberam no universo do trabalho, no Brasil urbano do século XX, no contexto industrial da cidade de São Paulo.

Reconheceu-se que a narrativa jatobiana constrói uma identidade para o trabalhador brasileiro, configurada em cenário de luta pela sobrevivência, em que, por um lado, manifestam-se as severas relações de submissão e autoritarismo no mundo do trabalho e, por outro, simultaneamente, revela que, mesmo nessa atmosfera de muita peleja e disputas, as relações afetivas brotam e se edificam. Dessa forma, o universo laboral, embora funesto, precário e árduo, também propicia sociabilidade e afetividades entre os trabalhadores. A visão de Jatobá, ou seja, a forma arquitetônica, sinaliza para a difícil lida do trabalhador, mas que, mesmo em ambiente difícil e desafiador, o amor pode surgir e dar sentido ao trabalho e à vida.

Assim, percebe-se que o trabalho opera como um meio a partir do qual o sujeito se constrói social e historicamente no cotidiano laboral, em conflito, tensões e em encontro com pares. Andam a *pari passu*, tanto a atividade laboral quanto a reflexão discursiva sobre o trabalho, demonstrando que as personagens não somente trabalham, mas empreendem reflexão sobre a vida material e afetiva. Linguagem e trabalho se inter-relacionam no universo literário jatobiano. A narrativa mostra que relações sociais, focadas na solidariedade e nos vínculos afetivos, justapõem-se ao universo do trabalho, em que impera um cenário degradante e nefasto, de ontologia negativa para o sujeito trabalhador.

Ler *Alguém para amar a vida inteira*, apoiada nas contribuições teórica/ metodológica da ADD de pensamento bakhtiniano e do Círculo, permitiu a seguinte clareza de pensamento: uma investigação ancorada pelo viés sócio-histórico, presente na filosofia da linguagem e da literatura, postulado pelo pensamento bakhtiniano, assume importante valor, no sentido de trazer um olhar ético e estético para a realidade, recriando-a. Não cabe nenhuma dúvida de que a relação entre arte e vida é um contexto de leitura interdisciplinar que confere conhecimento vasto, tornando a análise do discurso literário uma forma mais relacional e integrativa. Em Jatobá, encontram-se discursos que vinculam vida e arte. Logo, para ele, a condição humana não deve se situar inocuamente, do ponto de vista social e político, na literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas.

## Referências

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasilense, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Feroni Bernardini *et.al.* 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a, p. 9-31.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Revista Gragoatá**, n. 20, Rio de Janeiro, 2006b, p. 47-62.

BOSI, A. Narrativa e resistência. **Itinerários - Revista de Literatura**, n. 10, São Paulo, 1996, p.11-27.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 1876. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em: 02 nov. 2017.

JATOBÁ, R. **Alguém para amar a vida inteira**. Curitiba: Positivo, 2015.

JATOBÁ, R. **No chão da fábrica**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

JATOBÁ, R. Entrevista. In: RICCIARDI, G. **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Dulce Mindlin (org.). Ouro Preto: UFOP, v. 3, 2008.

JATOBÁ, R. **Como escreve Roniwalter Jatobá**. [14 de agosto, 2018]. Site Como eu escrevo. Entrevista concedida a José Nunes. Disponível em: <https://comoeuescrevo.com/roniwalter-jatoba/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

JATOBÁ, R. **Roniwalter Jatobá: escrevo sobre o que sou**. [14 de setembro de 2012]. Site Vermelho. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes. Disponível em: [http://www.vermelho.org.br/noticia\\_print.php?id\\_noticia=193766&id\\_secao=11](http://www.vermelho.org.br/noticia_print.php?id_noticia=193766&id_secao=11). Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, R. **Leituras: Roniwalter Jatobá**. [26 de dezembro de 2012]. TV Senado. Entrevista concedida a Maurício Melo Junior. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/noticias/TV/Video.asp?v=195612>. Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, R. De frente para o Brasil: Roniwalter Jatobá. **Revista Princípios**. 36. ed. fev./mar./abr., 1995, p. 62-65. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/36/cat/1738/de-frente-para-o-brasil.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

JATOBÁ, R.; RUFFATO, L. **Contos ontológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

LUKÁCS, G. **Por uma ontologia do ser social II**. Tradução: Nélio Scheneider *et al.* São Paulo: Boitempo, 2013.

RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de mineiros**. Dulce Mindlin (org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, p.444.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. João Wanderley Geraldi (org.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.